

## Comunicação Pública

Vol.15 nº 29 | 2020

Número com dossiê temático

---

### O diálogo entre os estudos da comunicação e a história – Proposta de criação da unidade curricular Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas

*The dialogue between communication sciences and history – Proposal for the creation of the course Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas*

Adelino Cunha\*

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/10213>

ISSN: 2183-2269

**Editora**

Escola Superior de Comunicação Social

**Edição impressa**

ISBN: 2183-2269

ISSN: 16461479

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 dezembro 2020.

---

# O diálogo entre os estudos da comunicação e a história – Proposta de criação da unidade curricular Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas

*The dialogue between communication sciences and history – Proposal for the  
creation of the course Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas*

**Adelino Cunha\***

---

## NOTA DO EDITOR

Recebido: 11 de julho de 2020

Aceite para publicação: 7 de outubro de 2020

## NOTA DO AUTOR

\*Pró-Reitor da Universidade Europeia, doutorado em História Contemporânea e investigador da Universidade NOVA de Lisboa. É autor dos livros: *A Ascensão ao Poder de Cavaco Silva* (2005); *Álvaro Cunhal – Retrato Pessoal e Íntimo* (2010/2019) (Plano Nacional de Leitura 2017); *António Guterres – Os Segredos do Poder* (2013); *Os Filhos da Clandestinidade* (2016); e *Júlio de Melo Fogaça – Biografia* (2018) (Plano Nacional de Leitura 2019). Escreveu os ensaios "O que sabem os jornalistas sobre as crianças?" (2019); "As consequências da revolução digital na democracia" (2019); "3 ou 4 coisas sobre o jornalismo" (2020); e "A armadilha do tempo na História" (2020).

## Introdução

- 1 Como se pode justificar a criação de uma nova unidade curricular no âmbito de licenciaturas genericamente consideradas de “estudos gerais”<sup>1</sup> quando a sociedade se encontra em contexto acelerado de mudança e refém de um certo presente contínuo e sem qualquer relação orgânica com o passado (Hobsbawm, 2011) e quando o sistema educativo parece não só refletir essas características como (muitas vezes) até desempenhar um papel de estimulador dessa própria *instabilidade do conhecimento* (ou conhecimento descontextualizado)?
- 2 Talvez fosse adequado utilizar aqui a (melódica) expressão “tempos líquidos” para expressar a fluidez da contemporaneidade, mas é o mesmo Zygmunt Bauman quem muda o tom (sem alterar a tensão) quando afirma que “todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento” (Bauman, 1999, p.8).
- 3 Será alguma desta ansiedade social gerada pelo desconhecido que leva o filósofo Daniel Innerarity a constatar com enorme sentido oportunidade que “nunca o conhecimento, a reflexão e o critério foram mais libertadores” (Innerarity, 2019, p.15).
- 4 Tendo em consideração que esta proposta resulta das reflexões e investigações desenvolvidas no âmbito da experiência na docência e do debate contextualizado em projetos de inovação académica, considera-se que a pertinência da sua publicação assenta, por um lado, na necessidade de partilhar e alargar um debate que se propõe ocorrer dentro das fronteiras da comunicação; e, por outro, na própria natureza do debate, ou seja, nas potencialidades das abordagens multidisciplinares entre campos de conhecimento que, convivendo em proximidade, podem também ser articulados numa perspetiva inovadora em torno de objetivos de aprendizagem coerentes.
- 5 Pretende-se que a designação Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas traduza as linhas de orientação dos conteúdos do programa curricular, o diálogo entre diferentes campos de estudo e a geografia conceptual da sua problematização. Trata-se, dito de outra forma, do estudo dos mecanismos que provocam mudanças e da análise das suas trajetórias e impactos (Turchin, 2003).
- 6 Este cruzamento interdisciplinar viabiliza uma abordagem comparativa ampla (e por isso tendencialmente mais estimulante) para o estudo dos fenómenos comunicacionais em contextos complexos, que devem ser colocados em confronto permanente entre si e segundo diferentes perspetivas comparativas e transnacionais (Haupt & Kocka, 2009).
- 7 Esta proposta de estrutura permitirá, parece-nos, fomentar o diálogo entre diferentes unidades curriculares de um eventual plano de estudos centrado nas ciências da comunicação e simultaneamente estimular o desenvolvimento de projetos de investigação em rede.
- 8 Não se trata propriamente de uma resposta concreta às perguntas iniciais, mas o apelo a este debate surge na introdução de um estudo sobre o perfil dos alunos que concluem a escolaridade obrigatória em Portugal: “O mundo atual coloca desafios novos à educação. O conhecimento científico e tecnológico desenvolve-se a um ritmo de tal forma intenso que somos confrontados diariamente com um crescimento exponencial de informação a uma escala global. As questões relacionadas com identidade e segurança, sustentabilidade, interculturalidade, inovação e criatividade estão no cerne do debate atual”.<sup>2</sup>

- 9 A proposta para a criação da unidade curricular Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas<sup>3</sup> insere-se num esforço de articulação entre as áreas de estudo da comunicação e dos *media* com a história contemporânea numa perspectiva integradora e ancorada na ideia genialmente simples e verdadeira de Lasswell: a comunicação como um processo social.
- 10 A comunicação como teoria de sociedade, ou melhor, como um conjunto de ideias que permite interpretar e dar sentido a determinados fenómenos, implica reconhecer o papel determinante dos *media* na definição das perceções das realidades sociais, em diferentes recortes cronológicos e nas suas circunstâncias específicas, isto é, uma teorização centrada nos *media* como agentes de mudança social.
- 11 Considerando as várias perspectivas, parece-nos adequada uma abordagem centrada nos conteúdos e na receção subjetiva das mensagens mediáticas pelos públicos (McQuail & Deuze, 2020).
- 12 Não importa tanto recuperar o debate sobre a emergência das teorias da comunicação (Wiener, 2019 [1948]; Shannon, 1948) e as sucessivas tentativas de explicar e consolidar as relações entre os processos de comunicação e as decisões das grandes massas (McQuail & Deuze, 2020; Lazarsfeld, 1948) – aliás, a permanente e renovada teorização só comprova a importância dos estudos sobre a comunicação. Trata-se, no âmbito da interdisciplinaridade, de identificar, comparar, interpretar e analisar (utilizar) as principais teorias da comunicação dentro de recortes cronológicos demarcados pelas dinâmicas da história contemporânea onde *vivem* os *media* (Mattelart & Mattelart, 1999). Isto, respeitando os *limites naturais* das ciências da comunicação, no sentido de que a sua natureza sincrética deve ser valorizada, e nunca diminuída ou fragmentada em saberes (demasiado) diversificados que eventualmente comprometam a sua coerência e o respetivo campo epistémico (Blumler, McLeod, & Rosengren, 1992) – o que reforça a pertinência da questão de qual a importância da mobilização da história e quais os riscos que transporta com as suas fronteiras incertas.
- 13 Perguntado de outra forma: como podem os historiadores contribuir para o enriquecimento dos estudos da comunicação através da história dos *media*?
- 14 Esta formulação demarca-se da discussão epistemológica sobre *o que é a história* (Carr, 1964) e *o que é a história agora* (Cannadine, 2002), na medida em que importa valorizar a sua importância concreta na construção e desconstrução de narrativas, isto é, na análise das representações do passado e das suas figurações no presente para assim clarificar o contributo da história para os estudos da comunicação.
- 15 Falamos de uma abordagem que mobiliza todas as dimensões do historiador, isto é, a sua capacidade de construir recortes cronológicos coerentes enquanto campo de estudo dos *media* e as ferramentas metodológicas que utiliza nos respetivos processos de construção do conhecimento.
- 16 Ao falarmos dessa mobilização (e do próprio conhecimento histórico), podemos citar uma oportuna ideia de Niklas Luhmann: “By history we do not simply mean the factual sequence of events, according to which what is present is understood as the effect of past causes or as the cause of future effects. What is specific to the history of meaning is that it enables optional access to the meaning of past or future events, and thus leaps within the sequence” (Luhmann, 1995, p.79).

- 17 Por um lado, porque a história se encontra apta a desempenhar um papel importante nos processos de estudo dos *media* enquanto disciplina vocacionada para “interpretar o presente” (Mattoso, 2019, p.22) (e não tanto para “comemorar o passado”<sup>4</sup>).
- 18 Por outro, porque, reconhecendo a validade da síntese de Jürger Habermas sobre a comunicação como uma teoria da sociedade (Habermas, 1985), poder-se-á invocar a expressiva ilustração de Marc Bloch: “O bom historiador, esse, assemelha-se ao monstro da lenda: onde farejar carne humana é que está a sua caça” (Bloch, 1987, p.28).
- 19 Este quadro de interdisciplinaridade pode ser genericamente enquadrado com as premissas sintetizadas por Barbie Zelizer (2008, pp. 111-116) para promover este diálogo entre a comunicação e a história:
- 20 i) nenhum grupo, campo ou indivíduo identificado sabe tudo o que há para saber;
- 21 ii) a adoção de novas estruturas conceptuais é dinâmica e requer continuamente refinamento e adaptação;
- 22 iii) as forças por detrás dos conceitos que desenvolvemos – sejam eles indivíduos, organizações, *lobbies* profissionais ou grupos informais – são fundamentais para o conhecimento.
- 23 Trata-se, pois, de uma aliança, no sentido em que “as pessoas que trabalham com comunicação e estudos culturais – em número ainda crescente – devem levar em consideração a história; e aos historiadores – de qualquer período ou tendência – cumpre levar em conta seriamente a comunicação (inclusive a teoria da comunicação)” (Briggs & Burke, 2004, p.14).
- 24 No limite, o reconhecimento da importância das dinâmicas comunicacionais poderia até justificar uma introspeção dos historiadores sobre uma eventual *reinvenção* da história (Crowley & Heyer, 2013). Um desafio, aliás, que representa um dos seus pressupostos identitários (Sardica, 2015) – o que talvez seja excessivo num contexto em que se pretende, por um lado, que os estudos da comunicação identifiquem, analisem e projetem simultaneamente os *media* nos seus contextos concretos e a pluralidade dos discursos (Ricoeur, 1995) que estes inscreveram na esfera pública através da sua difusão e receção; por outro, que a história seja mobilizada na construção dessas narrativas através da definição dos recortes cronológicos e da análise das representações.
- 25 A defesa desta parceria ativa entre os estudos dos *media* e a história talvez possa assim ser sintetizada numa oportuna frase de A. J. Liebling: “A man is not free if he cannot see where he is going, even if he has a gun to help him get there” (Liebling, 1981)<sup>5</sup>.

## 1. O processo histórico: as origens da imprensa (livros, panfletos, gazetas e jornais). Liberdade e diversidade

- 26 Quando Lutero afixou as suas 95 teses na porta da igreja de Wittenberg, estava a iniciar uma profunda cisão na Igreja Católica e ao mesmo tempo a criar uma nova *audiência* (a *opinião pública* se o termo existisse no século XVI) (Habermas, 1989 [1962]; 1985). Primeiro, decidiu escrever em alemão, e não em latim: dirigia-se assim a um novo público; não aos monges letrados, mas ao povo alemão. Depois, utilizou inteligentemente uma nova tecnologia para disseminar o seu pensamento em larga

escala. A Reforma Protestante deve imenso a Lutero, mas alguma parte terá de ser tributada a Gutemberg.

- 27 É verdade que Zygmunt Bauman via os púlpitos das igrejas como um meio de comunicação para as massas, mas o efeito de durabilidade e o poder de alcance da palavra escrita tornaram-se possíveis apenas com a sua impressão em papel; e foi a impressão das teses de Lutero (e dos livros que patrocinou) que tornaram decisivo o seu combate ideológico contra os poderes do Papa (Pettegree, 2015).
- 28 A importância do meio (o panfleto) resulta da inovação tecnológica (a prensa anunciada meia dúzia de anos antes) e os seus efeitos podem ser identificados e analisados nas dinâmicas sociais, políticas e religiosas ao longo dos séculos seguintes (Rublack, 2017).
- 29 A relevância da nova tecnologia criada por Gutemberg 50 anos antes do “achamento” do Brasil (prelo de madeira) decorre do seu papel pioneiro na massificação da comunicação e da importância que representou para a sociedade (autoridades políticas e religiosas, universidades, movimentos políticos, nacionalismos, etc.) (Eisenstein, 1979).
- 30 A possibilidade da reprodução mecânica da escrita permitiu que passassem a ser impressas centenas de páginas em reduzidos espaços de tempo e em gritante contraste com o trabalho manual até então exercido por uma elite de letrados monásticos. O conhecimento libertou-se pela difusão da palavra escrita (Man, 2010; McLuhan, 2011).
- 31 A generalização da impressão de livros por toda a Europa representa um marco nas dinâmicas comunicacionais (ainda que centrado em certos setores culturais), mas concomitantemente abrem-se novas possibilidades de carácter massivo: as folhas volantes.
- 32 As primeiras surgiram na Europa com notícias (governamentais)<sup>6</sup> e antecedem a entrada em circulação dos primeiros jornais de *grande tiragem*, as gazetas (Sousa, 2008).
- 33 É uma dinâmica de mudança que começa a escapar ao controlo dos poderes institucionais (que até então foram garantindo este monopólio propangandístico da comunicação) e que se vai manifestando de forma mais acentuada nos países com sistemas político-religiosos menos fortes (McMurtrie, 1967).
- 34 Nos Estados Unidos, os jornais surgiram ligados à formação da nacionalidade e ao processo de independência, tendo justificado alguma teorização sobre a centralidade religiosa na história da informação fundada no período colonial (Andrews, 2011 [1859]; Nord, 2001; Boyce, Curran, & Wingate, 1978).
- 35 O verdadeiro *boom* ocorreu com a massificação da circulação de notícias através de jornais tendencialmente generalistas e de custo reduzido e orientados para a informação popular baseada em estruturas noticiosas simples. A chamada *penny press* representa (mais) um exemplo do estudo diacrónico: a procura de notícias pelas massas e o jornalismo enquanto género preferencial para as *peças comuns* (estarão aqui as raízes do jornalismo tabloide contemporâneo?) (Schudson, 1981).
- 36 O programa proposto pode ser explorado por dois caminhos, que, não sendo alternativos nem excludentes entre si, terão de ser considerados em termos diferentes em função dos objetivos.
- 37 Por um lado, podemos projetar os jornais, os panfletos, as folhas volantes, as gazetas e os livros como objetos de estudo, ou seja, situar temporalmente os vários formatos e canais, analisar os contextos históricos e sociais para identificar continuidades e

descontinuidades e colocar necessariamente em perspectiva comparada diferentes países, indústrias e arcos cronológicos (Chapman, 2005; Starr, 2004; Parry, 2011)

- 38 Por outro lado, os *media* podem ser analisados pelos processos dinâmicos que proporcionaram nas sociedades em termos de alfabetização e literacia, esclarecimento e mobilização, politização e voto, cidadania e propaganda, isto é, os processos que correspondem à formação de opiniões públicas, à liberdade de pensamento e às novas formas de expressão intelectual e de construção cultural das ideias em espaços partilhados.
- 39 Tendo em consideração a preservação da coerência do programa proposto, parece-nos que a segunda abordagem se encontra em linha com o último bloco temático, na medida em que se pretende analisar as consequências da transformação digital no refluxo da qualidade do jornalismo profissional e, por consequência, nos próprios sistemas democráticos (Baran, 2018; Curran, 2011; Keane, 2007; Woolley & Howard, 2019; Schammell & Semetko, 2017).

## 2. Géneros narrativos no cinema: imaginário social e propaganda política

- 40 O cinema estava ainda a mostrar-se nas suas primeiras imagens quando Geoffrey H. Malins e J. B. McDowell provocaram um significativo abalo com o documentário *The Battle of the Somme* (Malins & McDowell, 1916). O poder de influência desta obra durante a Primeira Guerra Mundial (mobilização das massas para apoiarem o esforço da guerra britânico no continente) encontra-se bem presente na mente dos seus autores, conforme demonstra a utilização que fizeram de outro *medium* (o livro) para explicarem todo o processo de filmagem da bravura e do espírito de sacrifício dos soldados britânicos na brutal Batalha de Somme (Malins, 1919).
- 41 O programa curricular beneficiará significativamente de um enquadramento com o cinema dentro de dinâmicas históricas e culturais concretas, ultrapassando até os tradicionais marcos cronológicos, desde logo em relação à Primeira Guerra Mundial, cuja importância na história dos *media* se encontra reconhecida em inúmeros estudos académicos.
- 42 Importa superar as ideias *clássicas* de que o conflito começou em agosto de 1914 e terminou com o armistício de novembro de 1918. Não terminou. É necessário “olhar para a Primeira Guerra Mundial não apenas como uma guerra entre Estados-nações europeus, mas principalmente como uma guerra entre impérios globais e multiétnicos” (Gerwarth & Manela, 2014, p.25-52).
- 43 Esta proposta de redefinição de recorte cronológico e dos temas de estudo beneficiará de um olhar cruzado com as estratégias de propaganda (Kingsbury, 2010; Demm, 2019; Lasswell, 2013 [1927]; Badsey, 2019).
- 44 Os documentários deverão ser analisados com especial atenção dentro da história do cinema devido à sua utilização propagandística na Primeira Guerra Mundial. Estes *registos da realidade* (não ficção) encontram especial interesse nos chamados cinejornais de carácter noticioso exibidos antes da película principal (para garantir a atenção das audiências).

- 45 A introdução do som haveria de exponenciar as potencialidades do cinema durante a Segunda Guerra Mundial, desde logo por permitirem transmitir as vozes dos líderes políticos (garantindo assim a necessária proximidade às massas). O filme (o documentário) assumir-se-á como um instrumento estratégico de propaganda das frentes internas dos países beligerantes, sendo disso exemplo as obras documentais *Why We Fight* (Frank Capra, 1942-1945), que levam o espectador *para dentro* da História.
- 46 Além do estudo do cinema e dos filmes (dos documentários), o programa ganhará com uma incursão nos géneros de ficção também como fonte de conhecimento (Celli, 2015; Hole, Jelača, Kaplan, & Petro, 2016; Frodon, 1998).
- 47 Os filmes (o cinema) são representações sociais que traduzem as mentalidades de cada época específica e por isso oferecem importante matéria de estudo (Nowell-Smith, 1999; Giannetti, 2013; Cousins, 2013).
- 48 São imensas as possibilidades disponibilizadas pelo estudo deste *medium*, mas sem nunca perder de vista a centralidade de algumas obras específicas na formação da opinião pública, e depois na sua manipulação.
- 49 Por exemplo, o filme *O Mundo a Seus Pés* (Orson Welles, 1941) constitui uma dessas excelentes oportunidades para se refletir sobre os sistemas dos *media* e o papel da imprensa e dos seus principais protagonistas (empresários e jornalistas) num período de massificação.
- 50 Os temas centrados na justiça, no antissemitismo ou no racismo encontram nos filmes da década de 60 inúmeros exemplos de reflexão sobre essa nova contemporaneidade resultante do esforço da renovação ideológica (e narrativa) ensaiado pela indústria de Hollywood (já em perda perante o crescimento da televisão) (Bertetto, 2019).
- 51 Também o cinema dos regimes totalitários oferece suficientes instrumentos de estudo.
- 52 O fascismo italiano tentou promover-se através de filmes que mostravam a sua modernidade (e que assim traduziam a sua vontade de se impor como uma potência industrial e militar). A expressão “cinema dos telefones brancos” (transmitindo uma certa imagem de elegância e tecnologia) adequa-se a este esforço de propaganda italiana, que se diferencia manifestamente do modelo alemão e soviético e das suas narrativas musculadas.
- 53 O filme *Jud Süß* (Veit Harlan, 1940) é um panfleto incendiário de incentivo ao ódio contra os judeus e os documentários de Leni Riefenstahl, por exemplo, promovem Hitler e o nazismo em todo o seu esplendor coreográfico (mitológico). Veja-se *Triumph des Willens* (Leni Riefenstahl, 1935), dedicado a um congresso do Partido Nazi, ou *Olympia* (Leni Riefenstahl, 1938), para promover as virtudes alemãs (no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim, 1936).
- 54 As experiências soviéticas centram-se na figura de Eisentein e nas suas obras de promoção da União Soviética como *pátria do socialismo*, berço de um *novo homem* e de uma nova sociedade. Por exemplo, sobre a revolução russa de 1917 (*Okjabr'*, Sergei M. Eisentein, 1928) e a coletização dos campos (*Bežin Lug*, Sergei M. Eisentein, 1937).
- 55 Estas formas de propaganda (estas estratégias narrativas) coincidem na exaltação de líderes excepcionais e constituem instrumentos importantes na história dos *media*, na medida em que são o ar do seu tempo (Sikov, 2009; Braudy & Choen, 2009 [1974]; Geiger & Rutsky, 2013).

### 3. Rádio: massificação e instrumentalização totalitarista

- 56 Talvez fosse para ser apenas um programa de rádio, mas transformou-se vertiginosamente num dos maiores fenómenos comunicacionais. Orson Welles verbalizou uma adaptação radiofónica da *Guerra dos Mundos* (H. G. Wells, 1898) com uma carga dramática de tal forma intensa (e utilizando uma inovadora tecnologia de comunicação com as massas, a rádio) que se tornou fácil acreditar naquela *invasão alienígena*.
- 57 Esta emissão, feita a partir de Nova Iorque (durante o *Halloween* de 1938), haveria de entrar para a história dos *media* devido ao seu enorme impacto público, ilustrado com a fuga em pânico de milhares de pessoas perante um inexistente exército marciano (Holmesten, 2001).
- 58 A criação da estação KDKA (1920) representa o primeiro esforço de organização da matéria narrativa, isto é, a transformação das ondas de rádio que viajam entre dois pontos num diálogo entre emissor e recetores (Salamon, 2010). No caso concreto, tratou-se da radiodifusão de uma reportagem sobre a candidatura presidencial de Warren G. Harding, cuja campanha por si só mobilizou uma máquina avassaladora de comunicação focada na recuperação emocional dos traumas da Primeira Guerra Mundial (Dean, 2004).
- 59 O desenvolvimento deste *medium* na Europa deve-se enormemente à BBC, com as suas transmissões de música popular e de humor. Começou as emissões em 1922 e constituiu-se rapidamente como modelo, tendo sido inúmeras as tentativas para copiar os seus garantes internos de independência em relação aos poderes políticos (Briggs, 2012 [1961]). Na verdade, mais do que um modelo para outras estações, a BBC é utilizada para definir e expressar uma certa ideia de *britishness* (Higgins, 2015).
- 60 As fronteiras entre os conteúdos da rádio ao longo dos tempos serão certamente mais ténues do que estas linhas, na medida em que, de uma forma geral, a criação deste meio ficou necessariamente marcada pela heterogeneidade de conteúdos em função das épocas históricas e dos contextos políticos (Crisell, 1997).
- 61 A apropriação da rádio pelas máquinas militares de propaganda nos períodos de guerra demonstra indelevelmente a sua importância na comunicação das massas, ou seja, a urgência da comunicação rápida e direta (sem intermediários) entre os governos em guerra e as suas populações vitimizadas (direta ou indiretamente) pelo conflito (Whittington, 2018; Stourton, 2018).
- 62 Os discursos de Winston Churchill durante a Segunda Guerra Mundial representam um dos casos de estudo de maior potencial, na medida em que viabilizam uma análise interdisciplinar entre competências oratórias, inscrição do conteúdo no espaço público através dos *media* e análise histórica do contexto.
- 63 As intervenções do primeiro-ministro britânico começaram por apelar à mobilização da nação em defesa da sua história coletiva e dos valores universais da liberdade perante a ofensiva vitoriosa da Alemanha nazi (“Arm yourselves, and be ye men of valour”, 19 de maio de 1940, transmissão da BBC)<sup>7</sup>. Tornaram-se depois mais simbólicas e emocionais à medida que aumentou o esforço de guerra, tendo encontrado o seu ponto máximo

- motivacional com o célebre discurso “Blood, toil and tears” (13 de maio de 1940, Câmara dos Comuns, Londres, Inglaterra).
- 64 A importância do discurso do sacrifício para conquistar a vitória e da sua difusão através da rádio revela-se de enorme potencial de estudo, na medida em que permite analisar tanto o decorrer do conflito como a passagem para a Guerra Fria como quadro histórico seguinte (“An Iron Curtain has descended”, 5 de março de 1946, Missouri, Estados Unidos).
- 65 O roteiro de estudo deve passar necessariamente pelo estudo de outros oradores que provocaram idêntico impacto na construção das percepções da opinião pública.
- 66 No período que haveria de conduzir ao conflito, são relevantes as frequentes intervenções do presidente francês Gaston Doumergue para tentar aplacar a turbulência da opinião pública nos anos da Grande Depressão (Weber, 1996). Durante o conflito, merecem ser analisadas as *Conversas Junto à Lareira (fireside chats)*, protagonizadas pelo presidente Franklin D. Roosevelt (1933)<sup>8</sup>, na medida em que permitem aferir a evolução da própria política norte-americana em relação à entrada na guerra (Barnouw, 1968). No mesmo sentido, os discursos de Charles De Gaulle ajudam a avaliar a evolução discursiva e a sua receção numa pátria, de facto, ocupada pela Alemanha Nazi<sup>9</sup>.
- 67 O poder de influência da rádio sobre a opinião pública despertou naturalmente os poderes políticos independentemente da natureza dos regimes.
- 68 Talvez a utilização da *rádio histórica*, celebrizada por Hitler, constitua o exemplo mais divulgado de manipulação devido às suas próprias características comunicativas pessoais: agressividade e teatralidade discursiva<sup>10</sup> (Welch, 1993).
- 69 Poderá ser dito (sem exagero) que a rádio tanto seduziu as democracias como apaixonou os regimes totalitários (Bergmeier & Lotz, 1997; Arnold, Preston, & Kinnebrock, 2020).
- 70 Estaline criou na União Soviética emissões de rádio a cargo dos Comissários do Povo para a Educação Nacional e, no mesmo sentido, Mussolini usou a rádio instrumentalmente no seu processo de tomada e de consolidação do poder, tendo garantido o monopólio. Também o governo nazi procedeu à integração de todas as estações num organismo estatal único, orientado tanto para a manipulação política, como para a depuração cultural.
- 71 Já as democracias fundaram institutos para *medir* precisamente a opinião pública em ambientes de liberdade de expressão. É o caso de Georges Gallup, fundador do American Institute for Public Opinion, em 1934 (Gallup, 1940).
- 72 Os debates e as intervenções dos políticos durante os *anos de ouro da rádio* (1930-1940) tornaram-se fundamentais nas dinâmicas da opinião pública (Coombe, 2006); por exemplo, o presidente Franklin Roosevelt celebrou um discurso proferido em 1937 contra o fascismo (“Política de Quarentena”) e em abril do ano anterior Maurice Thorez tornara-se no primeiro dirigente comunista francês a utilizar a rádio para comunicar com as grandes massas.
- 73 Se for admissível indicar alguns autores de referência para a compreensão deste mundo em guerra (e entre guerras), importam (muito) as obras de referência de Eric Hobsbawm, desde logo pelo seu princípio orientador: “Os jovens de hoje crescem numa

espécie de presente contínuo, sem qualquer relação com o passado público da época em que vivem” (Hobsbawm, 2011, p.15).

- 74 É um excelente ponto de partida para refletir sobre todo o século XX e, importando todo o pensamento de Hannah Arendt, é relevante projetar a interpretação das duas guerras, tendo em conta o nível absolutamente chocante das atrocidades (Arendt, 1965, 2017) – o que talvez justifique depois a pergunta: “Como os nazis conseguiram estabelecer uma ditadura de partido único na Alemanha num espaço público de tempo bastante curto e perante a resistência aparentemente diminuta do povo alemão?” (Evans, 2019, p.15).
- 75 Tendo em consideração que a proposta de programa apresenta uma forte componente de debate sobre os *media* e a democracia, parece-nos que, além do estudo da rádio e do papel que esta desempenhou em determinados contextos históricos, importa promover uma análise ancorada na própria ideia de democracia dentro de um debate sobre as fronteiras dos interesses comerciais privados e o interesse público (McChesney, 1993) – uma análise necessariamente envolvendo todos os *media* (Downing, 2004).

#### 4. Universos televisivos e revoluções culturais

- 76 Pode um “buuu!” mudar o curso manso da história? Terá aquela vaia de dezembro de 1989 decretado o fim de Nicolae Ceausescu e acelerado a queda inglória da União Soviética? Os operadores da televisão pública devem ter achado que sim, porque acataram as ordens dos serviços secretos para desviarem as câmaras da praça central de Timisoara, onde tudo se passava, mas continuaram a emitir as vaiais em direto.
- 77 Os historiadores não sabem (porque não podem) responder às questões colocadas, mas sabem que os três minutos do último discurso do ditador romeno mudaram *imensa coisa* num período em que não existiam redes sociais para propagar rapidamente aquela brecha (Siani-Davies, 2005).
- 78 Não existiam redes sociais como hoje as conhecemos, mas existia a televisão a iniciar o período da *vida em direto*: a coroação de Isabel II, 1953; o debate presidencial entre Kennedy e Nixon, 1960; o casamento da princesa Diana, 1981; a tentativa de assassinato de João Paulo II em Fátima, 1982; o megafestival *Live Aid*, 1985; a explosão do vaivém *Challenger*, 1986. Um período que teve (provavelmente) o seu expoente com o início em direto da guerra do Golfo, em 1991 (Smith, 1998).
- 79 Existindo este poderoso *medium*, importa (pois) analisá-lo através do papel que desempenhou na projeção dos grandes eventos na segunda metade do século XX, ou seja, no período que separa o longo clima de tensão mundial provocado pela iminência de uma guerra entre as duas superpotências e a (absolutamente imprevisível) fragmentação da União Soviética.
- 80 Apresenta-se uma proposta de estudo baseada nos modelos televisivos (Noam, 1991) e na interpretação dos momentos históricos registados pela televisão, ou seja, o estudo das emissões centradas em eventos de grande interesse público e simultaneamente de forte influência na evolução das dinâmicas comunicacionais (Dayan & Katz, 1994).
- 81 Importa clarificar que Daniel Dayan e Eliuh Katz se focam naquilo que classificam como “grandes cerimoniais” e menos nos “grandes acontecimentos”, o que justifica a sua atenção ao funeral de John F. Kennedy e a secundarização do seu assassinato. A distinção resulta das diferentes mensagens associadas a cada um dos eventos. Nesse

- sentido, tentam clarificar algumas diferenças entre “acontecimentos noticiosos” (revoluções) e “grandes cerimoniais” (celebrações) para delimitar a fronteira dos “acontecimentos mediáticos”.
- 82 No âmbito desta unidade curricular, e na perspetiva das próprias ciências da comunicação e do estudo dos *media*, importam ambos, na medida em que tanto o funeral de John F. Kennedy como o seu assassinato marcaram as dinâmicas comunicacionais do seu tempo, do mesmo modo que importa tanto a vaia a Nicolae Ceausescu como as paradas militares no Praça Vermelha de Moscovo.
- 83 A justificação para que o “buuu!” contra Ceausescu tenha entrado para o léxico dos historiadores e as visitas papais reunirem em simultâneo as vertentes noticiosa e cerimonial (Felak, 2020) encontra-se precisamente na imensa força social da televisão (Adler, 1981).
- 84 Importa clarificar que o âmbito desta unidade curricular exige que o estudo deste *medium* seja capaz de se projetar para além dos acontecimentos noticiosos e dos grandes cerimoniais, tendo em vista analisar o papel que a televisão exerce nas dinâmicas de construção social. Será necessário alguma prudência na definição concreta das áreas que podem ser exploradas, na medida em que podem constituir por si só linhas de estudo autónomas. Nesse sentido, o plano de estudos proposto sugere uma análise dos *factos noticiosos* como ângulo de abordagem para as metanarrativas nos quais estes se incluem (como agentes *passivos* ou como catalisadores), no sentido de estabelecer pontes de análise e reflexão a montante do *acontecimento*, isto é, nos processos de estruturação das próprias sociedades.
- 85 Os três minutos televisivos emitidos em Timisoara serão insuficientes para retirar quaisquer indicações que não sejam meramente intuitivas, no sentido de analisar o significado de uma manifestação de contestação isolada dentro de uma dinâmica com décadas de existência. Sim, são insuficientes para interpretar tempos de longa duração, mas representam um pretexto que nos parece válido para pensar no âmbito dos *media* enquanto “so-called revolutions” (Dayan & Katz, 1994, pp. 145-179).
- 86 Por outras palavras, a televisão deve ser olhada como um “universo mediático que produz, realiza e difunde narrativas de variada conformação motivadas por públicos também diversificados” (Reis, 2018, pp.499-506). Esta caracterização da sua complexidade enquanto meio “multimodal de representação e de comunicação” inclui inovações técnicas, produção de conteúdos, difusão de acontecimentos e formação de novas dinâmicas culturais e públicos diversos com impacto direto na permanente estruturação social.
- 87 A ascensão da televisão (um meio relativamente recente na história da comunicação) ultrapassou necessariamente as fronteiras dos regimes políticos e nessa medida poderá ser útil construir uma perspetiva comparada sobre a sua importância na evolução dos espaços públicos condicionados pela falta de liberdade, por exemplo, a passividade decorrente da ignorância de factos de importância histórica durante o estalinismo na União Soviética e o aceleração da sua dissolução impulsionado por momentos televisivos simbólicos, como a queda do Muro de Berlim.
- 88 Na verdade, todo o processo de desagregação soviética necessita de perspetivas adicionais de estudo que contribuam para eventuais explicações ou reinterpretções do significado da ascensão de Michail Gorbachev num ambiente internacional fortemente marcado pela importância dos *media* na formação dos espaços públicos. Isto,

acreditando que a história não terminou e que o mundo pós-soviético continua em reconfiguração, conforme demonstra a permanente conflitualidade decorrente das reiteradas tentativas de reafirmação geoestratégica da Rússia.

- 89 Importará considerar não apenas o *perfil moderno* do último líder da União Soviética (Taubman, 2018), mas todo o contexto interno e internacional dentro de uma perspectiva abrangente: “A história do comunismo deverá ter-nos ensinado duas coisas. A primeira lição, agora extraída por muitos autores, é o ponto de destrutibilidade a que pode chegar o pensamento utópico dogmático. A segunda lição, muito mais negligenciada hoje em dia, é o perigo das desigualdades acentuadas e das injustiças notórias, pois elas podem tornar muito fascinantes essas políticas utópicas. Desde 1989 que os poderes dominantes não aprendem nenhuma destas lições” (Priestland, 2013, p. 679).
- 90 Como podem os impérios ser analisados pelas suas formas de comunicação (Innis, 1972)? Que elementos de diferentes áreas do conhecimento podem ser mobilizados para analisar os esforços (fracassados) de reformar a União Soviética dentro dos limites do socialismo?
- 91 A proposta de estudo da televisão que Daniel Dayan e Elihu Katz apresentam identifica os acontecimentos mediáticos como interrupções da rotina, na medida em que intervêm no fluxo normal das emissões e nas nossas vidas.
- 92 A queda do Muro de Berlim, por exemplo, beneficiará certamente do estudo dos conteúdos que foram sendo emitidos pelas televisões nessa época. O contexto da sua construção e da sua destruição representa uma metáfora do processo de construção europeia – desde o pós-guerra até às crises atuais dos sistemas representativos e à desacreditação de todo o modelo político (aberto com a chamada crise das dívidas soberanas) (Beck, 2013).
- 93 A televisão e o cinema serão fundamentais neste percurso de dois sentidos, isto é, no estudo das dinâmicas históricas e no estudo das dinâmicas culturais centradas em objetos de estudo marcantes da contemporaneidade.
- 94 As obras de Tony Judt (2011) e de Ian Kershaw parecem-nos fundamentais neste roteiro focado no pós-guerra, que “desde 1950 tem sido como uma viagem numa montanha russa, cheia de emoções e sustos” (Kershaw, 2019, p.13).
- 95 A Guerra Fria (uma guerra *sem mortos*) deveria ser analisada em todas as suas dimensões (Loth & Soutou, 2014; Gomart, 2003), tendo como orientação as suas manifestações *no presente*, ou seja, discutindo o encerramento da etapa ou admitir a sua continuidade dentro do natural debate académico (Bozo, Rey, Ludlow, & Nuti, 2008).

## 5. Transformação digital e jornalismo: democratização e desdemocratização

- 96 Neste último bloco de estudo<sup>11</sup>, o programa partirá de uma reflexão: estará a transformação digital não apenas a *transformar* o jornalismo em entretenimento, mas também a comprometer a própria democracia com a massificação de conteúdos que atropelam os factos e dispensam a verdade?
- 97 Esta pergunta assenta na seguinte formulação: uma parte substancial do debate no espaço público transferiu-se dos *media* chamados tradicionais para as opiniões públicas

- em rede, que são alimentadas por bolhas de informação produzidas e editadas por interesses particulares e inescrutáveis.
- 98 É um círculo vicioso impenetrável pela divergência e pela pluralidade, no qual a opinião triunfa sobre o conhecimento e as distrações sobre os factos.
- 99 Logo, quando o jornalismo perde relevância social, é a própria democracia que perde qualidade por falta de escrutínio profissional. A *hiperdemocratização* da internet pode ser apenas uma ilusão, uma cortina que reduz a liberdade de expressão e a pluralidade de pontos de vista, uma cortina que dispensa fontes de informação plurais e independentes.
- 100 Os dirigentes dos partidos e dos movimentos populistas são beneficiários desta transformação digital. Aproveitam a facilidade com que as sociedades contemporâneas aceitam o desaparecimento das diferenças entre o verdadeiro e o falso e utilizam a permanente configuração da “esfera pública em rede” (Benkler, 2006, pp.212-300) para penetrar no coração da democracia.
- 101 Infiltram as suas mensagens nas bolhas de informação e travam a pluralidade das opiniões através de filtros que favorecem a entrada de informações que reforcem os consensos e rejeitam as que possam gerar questionamento ou contradição.
- 102 São essas bolhas de informação que estão a substituir os jornalistas (Kakutni, 2018, pp. 85-105)<sup>12</sup>.
- 103 As bolhas impedem a exposição a informações suscetíveis de colocar em causa opiniões formatadas, isolando-as ainda mais nas suas interpretações, ou falsificações. Fazem-no com base em conteúdos propagados por outras bolhas ou pela ação dos algoritmos, esses sim os verdadeiros editores, os *jornalistas virtuais* que estão a substituir os jornalistas reais.
- 104 Por si só, os algoritmos são apenas operações matemáticas ou lógicas desenhadas para executar determinada tarefa. Quando aplicados a conteúdos informativos, por exemplo, definem prioridades nos motores de pesquisa e decidem o que deve ser lido e visto ou ignorado.
- 105 Os algoritmos decidem o que existe e o que não existe.
- 106 Podem ser apenas operações matemáticas, mas traduzem as ideias de alguém e interferem com a liberdade de expressão e a capacidade de questionamento.
- 107 Fazem desaparecer os processos de transformação do acontecimento em notícia, ignoram regras éticas e deontológicas e ultrapassam todos os limites do rigor e da verdade quando devidamente instruídos nesse sentido.
- 108 A dispensa dos jornalistas como intermediários entre o acontecimento e as opiniões públicas permite que se questione quem produz e quem verifica as notícias orientadas por interesses privados e não escrutináveis, que depois se propagam entre bolhas (Ash, 2017).<sup>13</sup>
- 109 Foi aqui que os populistas construíram o seu mercado de desiludidos, revoltados e indiferentes. As pessoas que pensam *como* eles quanto ao descontentamento com os governos e às perceções de ameaça às sociedades democráticas e liberais. Um mercado sensível aos discursos de urgência.
- 110 Talvez possa ser dito que a transformação digital formatada como “república electrónica” (Grossman, 1996, pp.33-49) pode acelerar as dinâmicas de disfuncionalização das democracias representativas contemporâneas, dizendo que

começam a existir condições para o surgimento de ditaduras digitais de consequências imprevisíveis.

- 111 Quando se começou por perguntar como se justifica a criação de uma unidade curricular neste contexto acelerado de mudança, pretendia-se reforçar a importância do conhecimento também como um desafio: “One of the most challenging endeavors for scholars associated with the related fields of communication and media studies is staying abreast of phenomena that are changing more quickly than they can be analyzed” (Ribeiro & Zelizer, 2020, pp. 111-116).
- 112 É exatamente nesse sentido que se reserva espaço dentro da unidade curricular para debater estes processos de fragilização dos sistemas democráticos associados ao refluxo do jornalismo de qualidade e à relativização sistemática da verdade.
- 113 Mesmo sem apresentar respostas definitivas para um problema em permanente mutação, pensamos que a recuperação do papel dos jornalistas como intermediários entre o acontecimento e as opiniões públicas continua a ser o principal antídoto – o que implica reconhecer a importância da cidadania na construção do espaço público e concomitantemente recentrar o próprio jornalismo na sua base essencial de verdade e rigor em detrimento das derivas simplificadoras e fluidas.
- 114 Ainda que aceitando a pertinência da pergunta colocada por Daniel C. Hallin e Paolo Mancini, não se pretende analisar e refletir sobre “porque é que a imprensa é como é?”, mas sim colocar outro tipo de questões de carácter prospetivo e ponderar eventuais hipóteses explicativas sobre como é que os sistemas mediáticos têm evoluído e como é que essas dinâmicas interagem com os sistemas democráticos (Hallin & Mancini, 2010, pp.15-31).
- 115 Um debate que se pretende tranquilo e sem armas em riste porque (já se citou): “A man is not free if he cannot see where he is going, even if he has a gun to help him get there” (Liebling, 1981).

## CONCLUSÕES

- 116 A proposta de criação de uma nova unidade curricular baseia-se na análise das dinâmicas do mundo contemporâneo caracterizadas pelo contexto acelerado de mudança e pelo progressivo desligamento da sociedade da sua memória comum. Os objetivos de aprendizagem foram definidos a partir de um quadro de competências baseadas na literacia e na escrita, tendo em consideração um plano de estudos focado na análise das dimensões sociais, culturais e políticas dos meios de comunicação genericamente considerados desde a *prensa de Gutenberg* até às atuais (e futuras) formas de comunicação;
- 117 Esta nova unidade curricular designa-se Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas e assenta numa abordagem multidisciplinar entre os estudos da comunicação e a história contemporânea, para viabilizar a identificação e a análise dos mecanismos e dos instrumentos que provocaram mudanças e a interpretação das suas trajetórias e impactos na fluidez dos dias que correm, através da definição dos recortes cronológicos comparados e da análise das representações do passado e da sua interpretação em diferentes figurações;
- 118 Propõe-se que o estudo dos *media* seja efetuado tanto em função das mudanças inovadoras decorrentes da sua introdução na sociedade como dos discursos que

viabilizaram a sua inscrição no espaço público. Pretende-se assim avaliar criticamente a sua importância específica e os contributos nos processos de formação e de ação, no sentido de analisar não só a pluralidade dos discursos e como contribuíram para a evolução das organizações sociais e para a formação dos sistemas políticos democráticos, mas também como foram instrumentalizados pelos regimes totalitários e como estão a reconfigurar a contemporaneidade.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Adler, R. (Ed.) (1981). *Understanding television: Essays on television as a social and cultural force*. New York: Praeger.
- Andrews, A. (2011 [1859]). *The history of British journalism: From the foundation of the newspapers press in England to the repeal of the stamp act in 1855 (1859)*. [London: Richard Bentley, 1859]; Charleston: Nabu Press, 2011.
- Arendt, H. (1965). *Eichmann in Jerusalem: A report on the banality of evil*. New York: Penguin Books.
- Arendt, H. (2017). *As origens do totalitarismo*. Lisboa: D. Quixote.
- Arnold, K., Preston, P., & Kinnebrock, S. (Eds.) (2020). *The handbook of European communication history*. Hoboken: John Wiley & Sons.
- Ash, T. G. (2017). *Liberdade de expressão: Dez princípios para um mundo interligado*. Lisboa: Temas e Debates.
- Badsey, S. (2019). *The german corps factory: A study in first world war propaganda*. Warwick: Helion and Company.
- Baran, S. (2018). *Introduction to mass communications – Media literacy and culture*. New York: McGraw-Hill Education.
- Barnouw, E. (1968). *The golden age – A history of broadcasting in the United States 1933-1953*. Oxford: Oxford University Press.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As Consequências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Beck, U. (2013). *De Maquiavel a “Merkievel”: estratégia de poder na crise do euro*. Lisboa: Edições 70.
- Benkler, Y. (2006). *The wealth of networks: How social production transforms markets and freedom*. New Haven: Yale University Press.
- Bergmeier, H., & Lotz, R. E. (1997). *Hitler's airwaves: The inside story of Nazi radio broadcasting and propaganda swing*. New Haven: Yale University Press.
- Bertetto, P. (Coord.) (2019). *Uma história do cinema*. Lisboa: Texto & Grafia.
- Bloch, M. (1987). *Introdução à História*. Mira Sintra: Publicações Europa-América.
- Blumler, J. G., McLeod, J. M., & Rosengren, K. E. (Eds.) (1992). *Comparatively speaking: Communication and culture across space and time*. London: SAGE Publications.
-

- Boyce, G., Curran, J. & Wingate, P. (Eds.) (1978). *Newspaper history: from the 17th century to the present day*. London: SAGE Publications.
- Bozo, F., Rey, M.P., Ludlow, N. P., & Nuti, L. (2008). *Europe and the end of the Cold War*. London/New York: Routledge.
- Braudy, L., & Choen, M. (2009 [1974]). *Film - Theory and criticism*. Oxford: Oxford University Press.
- Briggs, A. (2012 [1961]). *The history of broadcasting in the United Kingdom (vol. I.) The Birth of Broadcasting*. Oxford: Oxford University Press.
- Briggs, A., & Burke, P. (2004). *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Cannadine, D. (Ed.). (2002). *What is history now?* London: Palgrave Macmillan.
- Carr, E. H. (1964). *What is History?* New York: Macmillan.
- Celli, C. (2015). *National identity in global cinema - How movies explain the world*. London: Palgrave Macmillan.
- Chapman, J. (2005). *Comparative media history - An introduction: 1789 to the present*. Cambridge: Polity Press.
- Churchill, W. (2003). *Never given in! The best of Winston Churchill's speeches*. New York: Hyperion.
- Churchill, W. (2005). *Never given in! The best of Winston Churchill's speeches*. [Audiobook]. London: BBC Audiobooks.
- Coombe, J. D. (2006). *When radio was king: looking back at radio's golden age*. Bloomington: Rafford Publishing.
- Cousins, M. (2013). *The story film*. London: Pavilion.
- Crisell, A. (1997). *An introductory history of British broadcasting*. London/New York: Routledge.
- Crowley, D. & Heyer, P. (2013). *Communication in history: Tecnology, culture, society*. London/New York: Routledge.
- Curran, J. (2011). *Media and democracy*. London/New York: Routledge.
- Dayan, D. & Katz, E. (1994). *Media events: The live broadcasting of history*. Cambridge/London: Harvard University Press.
- Dean, J. W. (2004). *Warren G. Harding*. New York: Times Books.
- Demm, E. (2019). *Censorship and propaganda in World War I: A comprehensive history*. London/New York: Bloomsbury Academic.
- Downing, J. D. H. (Ed.) (2004). *The SAGE handbook of media studies*. London: SAGE Publications.
- Eisenstein, E. L. (1979) *The printing press as an agent of change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Evans, R. J. (2019). *A Ascensão do Terceiro Reich*. Lisboa: Edições 70.
- Felak, J. R. (2020). *The pope in Poland: The pilgrimages of John Paul II. 1979-1991*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- Ferro, M. (1997). *Cinéma et histoire*. Paris: Denoel-Gonthier.
- Frodon, J. M. (1998). *La projection nationale - Cinéma et nation*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- Gabriel, M. (2015). *Why the world does not exist*. Cambridge: Polity Press.

- Gallup, G. (1940). *The pulse of democracy. The public opinion pool and how it works*. New York: Simon and Schuster.
- Geiger, J., & Rutsky, R.L. (2013). *Film analysis: A Norton Reader*. New York: W. W. Norton & Company.
- Gerwarth, R., & Manela, E. (Orgs.) (2014). *Impérios em Guerra 1911-1923*. Lisboa: D. Quixote.
- Giannetti, L. (2013). *Understanding movies*. London: Pearson.
- Gomart, T. (2003). *Double détente – Les relations franco-soviétiques de 1958 à 1964*. Paris: Publications de la Sorbonne.
- Grossman, L. K. (1996). *Electronic republic: Reshaping American democracy for the information age*. New York: Penguin Books.
- Habermas, J. (1989). *The structural transformation of the public sphere: An inquiry into a category of bourgeois society (Studies in Contemporary German Social Thought)*. Massachusetts: MIT Press.
- Habermas, J. (1985). *The Theory of Communicative Action – Reason and the Rationalizations of Society*, vol.1. Boston: Beacon Press.
- Hallin, C. D., & Mancini, P. (2010). *Sistemas de media: Estudo comparativo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Haupt, H.-G., & Kocka, J. (Eds.) (2009). *Comparative and transitional history*. New York/Oxford: Berghahn Books.
- Higgins, C. (2015). *This new noise: The extraordinary birth and troubled life of the BBC*. London: Guardian Faber Publishing.
- Hobsbawm, E. (2011). *A era dos extremos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Hole, K. L., & Jelača, D., Kaplan, E. A., & Petro, P. (Eds.) (2016). *The Routledge companion to cinema and gender*. London/New York: Routledge.
- Holmesten, B. (2001). *The complete war of the worlds*. Naperville: Sourcebooks MediaFusion.
- Innerarity, D. (2019). *Política para perplexos*. Porto: Porto Editora.
- Innis, A. H. (1972). *Empire & communications*. Toronto: University Toronto of Press.
- Judt, T. (2008). *O Século XX esquecido – Lugares e memórias*. Lisboa: Edições 70.
- Kakutani, M. (2018). *The death of truth: Notes on falsehood in the age of Trump*. New York: Tim Duggan Books.
- Keane, J. (2007). *Media and democracy*. Cambridge: Polity Press.
- Kershaw, I. (2019). *Continente dividido – A Europa 1950-2017*. Lisboa: D. Quixote.
- Kingsbury, C. M. (2010). *For home and country: World War I propaganda on the home front (studies in war, society, and the military)*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Lasswell, H. D. (1948). The structure and function of communication in society. In L.Bryson (Ed.), *The communication of ideas: A series of addresses*. New York: Institute for Religious and Social Studies.
- Lasswell, H. D. (2013 [1927]) *Propaganda technique in the World War I*. Eastford: Martino Fine Books.
- Lazarsfeld, P., Berelson, B., & Gudet, H. (1948). *The people's choice: How the voter makes up his mind in a presidential campaign*. New York: Columbia University Press.
- Liebling, A. J. (1981). *The press*. New York: Pantheon.

- Lippmann, W. (2008). *Opinião pública*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Loth, W., & Soutou, G.-H. (2014). *The making of Détente – Eastern and Western Europe in the Cold War, 1965-1975*. London/New York: Routledge.
- Luhmann, N. (1995). *Social systems*. Stanford: Stanford University Press.
- McMurtrie, D. C. (1967). *O Livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Malins, G. H. (1919). *How I filmed the war*. London: Herbert Jenkins.
- Man, J. (2010). *The Gutenberg Revolution: How printing changed the course of history*. London: Transworld Publishers.
- Mattelart, A., & Mattelart, M. (1999). *Theories of communications – A short introduction*. London: SAGE Publications.
- Mattoso, J. (2019). *A Escrita da História*. Lisboa: Temas e Debates.
- McChesney, R. W. (1993). *Telecommunications, mass media and democracy – The battle of the control of U.S. Broadcasting (1928-1935)*. Oxford: Oxford Press University.
- McLuhan, M. (2011). *The Gutenberg galaxy*. Toronto/London: University of Toronto Press.
- McQuail, D., & Deuze, M., (2020). *Media & mass communications theory*. London: SAGE Publications.
- Noam, E. (1991). *Television in Europe*. Oxford: Oxford University Press.
- Nord, D. P. (2001). *Communities of journalism – A history of American newspapers and theirs readers*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- Nowell-Smith, G. (Ed.) (1999). *The Oxford history of world cinema – The definitive history of cinema worldwide*. Oxford: Oxford University Press.
- Parry, R. (2011). *The ascent of media: From Gilgamesh to Google via Gutenberg*. London/Boston: Nicholas Brealey Publishing.
- Pettegree, A. (2015). *Brand Lutero: How and unheralded monk turned his small town into a center of publishing, made himself the most famous man in Europe and started the Protestant Reformation*. New York: Penguin Books.
- Priestland, D. (2013). *A bandeira vermelha: História do comunismo*. Lisboa: Texto Editores.
- Reis, C. (2018). *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina.
- Ribeiro, N., & Zelizer, B. (2020). When “formerly” becomes now: Populism and the media. *Communication, Culture and Critique*, 13(1), 111-116.
- Ricoeur, P. (1995). *Teoria da interpretação*. Porto: Porto Editora.
- Rublack, U. (Ed.) (2017). *The Oxford handbook of the Protestant Reformation*. Oxford/London: Oxford University Press.
- Salamon, E. (2010). *Pittsburgh’s golden age of radio*. Chicago: Arcadia Publishing.
- Sardica, J. M. (2015). *A verdade e o erro em história*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Schammell, M., & Semetko, H. (Eds.) (2017). *The media, journalism and democracy*. London/New York: Routledge.
- Schudson, M. (1981). *Discovering the news – A social history of american newspapers*. New York: Basic Books.

- Shannon, C.E. (1948). A mathematical theory of communication. *Bell System Technical Journal*, 27, 623-656.
- Siani-Davies, P. (2005). *The romanian revolution of december 1989*. New York: Cornell University Press.
- Sikov, E. (2009). *Film studies: An introduction (film and culture series)*. New York: Columbia University Press.
- Smith, A. (Ed.) (1998). *Television - An international history*. Oxford: Oxford University Press.
- Sousa, J. P. (2008). *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Starr, P. (2004). *The Creation of the media - Political origins of modern communications*. New York: Basic Books.
- Stourton, E. (2018). *Auntie's war: The BBC during the Second World War*. London: Black Sawn.
- Taubman, W. (2018). *Gorbachev - A biografia*. Porto Salvo: Desassossego.
- Turchin, P. (2003). *Historical dynamics: Why states rise and fall*. Princeton: Princeton University Press.
- Weber, E. J. (1996). *The hollow years - France in the 1930's*. New York: W.W. Norton & Co.
- Welch, D. (1993). *The third Reich: Politics and propaganda*. London/New York: Routledge.
- Whittington, I. (2018). *Writing the radio war - Literature, politics, and the BBC (1939-1945)*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Wiener, N. (2019 [1948]). *Cybernetics or control and communication in the animal and the machine*. Massachusetts: MIT Press.
- Winston, B. (1998). *Media technology and society. A history: from the telegraph to the internet*. London/New York: Routledge.
- Woolley, S. C. & Howard, P. N. (Eds.) (2019). *Computational propaganda - political partis, politicians and political manipulations*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- Zelizer, B. (Ed.) (2008). *Explorations in communication and history*. Abingdon: Routledge.

## ANEXOS

### ANEXO 1

OBJECTIVOS DE APRENDIZAGEM						
	LITERACIA	ESCRITA	CRIATIVIDADE	ADAPTAÇÃO À MUDANÇA	TOMAR DECISÕES	ÉTICA E DEONTOLOGIA
	O estudante deve ser capaz de interpretar os principais recortes cronológicos do mundo contemporâneo e de inter-relacionar essas dinâmicas em contextos comunicacionais.	O estudante deve ser capaz de categorizar diversas técnicas de escrita para operar em diferentes gêneros de expressão.	O estudante deve ser capaz de identificar e reconhecer tendências para aproveitar e antecipar necessidades informativas e tecnológicas.	O estudante deve ser capaz de integrar novas informações para se adaptar ao contexto.	O estudante deve ser capaz de agir criticamente perante desafios concretos.	O estudante deve ser capaz de agir permanentemente segundo elevados padrões éticos.
CONHECIMENTOS	Analisa criticamente a realidade social.	Diferencia variadas estratégias narrativas de produção de conteúdos em função dos meios e do contexto.	Reconhece as mais-valias dos diversos suportes de comunicação em diferentes dinâmicas sociais.	Analisa as dinâmicas de diferentes contextos históricos.	Identifica a hierarquia dos conteúdos.	Conhece e age em respeito pela legislação referente à propriedade intelectual e direitos de autor.
	Reconhece as implicações das tecnologias da informação e da comunicação para a estruturação da esfera pública em diferentes recortes cronológicos.	Reconhece e compara diferentes estratégias narrativas de produção de conteúdos.	Identifica as estratégias de comunicação em função da forma e do veículo da difusão.	Utiliza a interpretação dos contextos para antecipar mudanças.	Reconhece as responsabilidades inerentes à tomada de decisões.	Integra novas competências sociais, cultivando um melhor ambiente no contexto de trabalho.
	Demonstra competências de interpretação em relação a distintos ambientes comunicacionais e informativos.	Desenvolve estratégias narrativas para fundamentar e produzir conteúdos.				
APTIDÕES	Aplica os conhecimentos adquiridos na produção de conteúdos.	Operacionaliza as regras de construção da linguagem e códigos de comunicação.	Utiliza metodologias criativas aplicadas a problemas de carácter comunicacional.			
	Demonstra conhecimentos históricos e culturais e aplica-os na contextualização dos conteúdos.	Escreve conteúdos de carácter informativo em função do género e do suporte.				
COMPETÊNCIAS				Verifica os aspetos positivos da mudança para se adaptar com eficácia.	Exibe capacidades interpessoais, informativas e decisórias de liderança.	Atende a princípios éticos em objetivos e estratégias de atuação.
				Demonstra resiliência para agir com eficácia em ambientes adversos.	Atende a possíveis e potenciais consequências de decisões concretas.	Demonstra integridade e conquista a confiança dos outros cumprindo as suas promessas e admitindo os erros.
						Verifica os padrões éticos que deverão orientar processos de decisão e comportamentos.

## ANEXO 2

DESIGNAÇÃO DA UNIDADE CURRICULAR
Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas
CICLO DE ESTUDOS
Licenciatura
ENQUADRAMENTO
A unidade curricular Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas centra-se no estudo das dimensões sociais, culturais e políticas dos meios de comunicação genericamente considerados desde a <i>prensa de Gutenberg</i> até às atuais (e futuras) formas de comunicação. Pretende-se contribuir para a compreensão das sociedades contemporâneas, tendo como foco, entre outros, a formação da opinião pública, os mecanismos de difusão e respetivos fluxos e refluxos em contextos de liberdade de expressão (motor de construção e de desconstrução dos espaços). Trata-se de avaliar criticamente a importância dos <i>media</i> e os seus processos de formação e de ação, no sentido de analisar não só como contribuíram para definir organizações sociais e sistemas políticos, mas também como foram instrumentalizados pelos regimes totalitários. Propõe-se um percurso orientado, mas flexível, com incisões cirúrgicas em função dos momentos históricos e dos <i>media</i> mobilizados, tendo como motivação final contribuir para uma análise em tempo longo das dinâmicas de democratização e desdemocratização através dos <i>media</i> .
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Definir, justificar e interpretar os principais recortes cronológicos do mundo contemporâneo e inter-relacionar essas dinâmicas em diferentes contextos comunicacionais através da análise crítica da sociedade (em todas as suas dimensões) e das tecnologias da informação e da comunicação.

Reconhecer as implicações dessas tecnologias nos processos de estruturação da esfera pública em distintos recortes cronológicos e contextos sociais para analisar e interpretar esses processos.

Diferenciar, reconhecer, comparar e desenvolver diferentes estratégias narrativas de produção de conteúdos em função dos meios e do contexto.

Demonstrar conhecimentos históricos e culturais e aplicá-los na contextualização e produção de conteúdos de carácter informativo através da escrita.

#### CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Os conteúdos estão organizados em blocos temáticos coerentes para permitir o estudo dos *media* em função do seu impacto concreto e, simultaneamente, para viabilizar uma abordagem comparativa em diferentes arcos cronológicos e perspectivas transnacionais. Pretende-se que esta estratégia simultaneamente diacrónica e sincrónica tanto permita uma aprendizagem sequencial como possa assegurar capacidades de inter-relacionar o papel dos diferentes *media* em contextos distintos.

Processos históricos. Inovação tecnológica, diversidade, liberdade e difusão.

Representações filmáticas, imaginário social e discursos. Perspetivas culturais comparadas.

Cidadania e opinião pública. Alfabetização, informação, mobilização, propaganda e censura.

Rádio. Massificação, processos culturais e instrumentalização totalitarista.

Universos televisivos e revoluções culturais.

Transformação digital e saturação dos espaços partilhados: democratização e desdemocratização.

#### COERÊNCIA DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS COM OS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Os conteúdos programáticos encontram-se definidos em função do quadro de competências consideradas para esta unidade curricular (literacia, escrita, criatividade, adaptação à mudança, tomada de decisões éticas e deontologias), sendo a sua sustentação garantida através da coerência entre conhecimentos, aptidões e competências que constituem os objetivos de aprendizagem. Pretende-se que os estudantes sejam capazes de identificar e definir os principais *media* dentro dos recortes cronológicos do mundo contemporâneo para assim analisarem essas dinâmicas em diferentes contextos comunicacionais. Esses processos exigem o reconhecimento das implicações das tecnologias nos processos de estruturação da esfera pública em distintos arcos cronológicos e contextos sociais, o que significa que estes objetivos devem ser alcançados através de um roteiro de estudo que permita o domínio dos *media* enquanto instrumentos e concomitantemente o domínio dos processos de comunicação em interação com diferentes momentos e perspectivas transnacionais comparadas.

#### METODOLOGIAS DE ENSINO E AVALIAÇÃO

As estratégias de ensino dos conteúdos programáticos terão como base a análise concreta e contextualizada dos *media* em articulação com o respetivo quadro teórico fornecido pelo suporte bibliográfico. Pretende-se que os *media* sejam estudados isolada e/ou comparativamente através dos seus discursos e dos discursos que inscreveram no espaço público partilhado, no sentido de garantir uma problematização entre o instrumento e os processos de comunicação nos respetivos recortes cronológicos e contextos sociais. O ensino deve assim ser viabilizado através do estudo dos *media*, enquadrado pelo material teórico e consolidado com a análise e discussão de material complementar, por exemplo, filmes, livros, documentários, crónicas, narrativas sonoras, programas, etc. A mobilização de diferentes *media* e diferentes géneros narrativos permite dinamizar debate em sala de aula e estimular o campo de reflexão e de estudo individual dos estudantes. Nesse sentido, a avaliação deverá ser garantida através de mecanismos flexíveis que permitam aferir em sistema contínuo a aprendizagem dos conteúdos e a sua expressão no cumprimento dos objetivos definidos pela unidade curricular.

#### COERÊNCIA DAS METODOLOGIAS DE ENSINO COM OS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

O estudo dos *media* em função das suas características e os respetivos cenários históricos e mecanismos de ação e interação nos diferentes espaços públicos exige que os estudantes diferenciem, reconheçam e sejam capazes de comparar diferentes estratégias narrativas de produção de conteúdos em função dos meios e do contexto e do meio- o que implica a demonstração de conhecimentos históricos e culturais e aptidões para a produção de conteúdos de carácter informativo. Considera-se que os estudantes ficarão aptos para analisar criticamente a realidade social dos *media* nos seus vários arcos cronológicos e assim aplicarem competências de literacia e escrita em relação ao ambiente comunicacional e informacional através da análise e produção de conteúdos baseados em exercícios escritos.

#### BIBLIOGRAFIA TEMÁTICA PRINCIPAL

Processos históricos. Inovação tecnológica, diversidade, liberdade e difusão.

Mcluhan, M. (2011). *The Gutenberg Galaxy*. Toronto/London: University of Toronto Press.

Parry, R. (2011). *The ascent of media: From Gilgamesh to Google via Gutenberg*. London/Boston: Nicholas Brealey Publishing.

Starr, P. (2004). *The creation of the media – Political origins of modern communications*. New York: Basic Books.

Representações filmáticas, imaginário social e discursos. Perspetivas culturais comparadas.

Bertetto, P. (Coord.) (2019). *Uma história do cinema*. Lisboa: texto&grafia.

Celli, C. (2015). *National identity in global cinema – How movies explain the world*. London: Palgrave Macmillan.

Hayward, S. (2017). *Cinema studies – The key concepts*. London/New York: Routledge.

Cidania e opinião pública. Alfabetização, informação, mobilização, propaganda e censura.

Baran, S. (2018). *Introduction to mass communications – Media literacy and culture*. New York: McGraw-Hill Education.

Benkler, Y. (2006). *The wealth of networks: How social production transforms markets and freedom*. New Haven: Yale University Press.

Bergmeier, H.J.P. & Lotz, R. E. (1997). *Hitler's airwaves: The inside story of Nazi radio broadcasting and propaganda swing*. New Haven: Yale University Press.

Rádio. Massificação, processos culturais e instrumentalização totalitarista.

Coombe, J. D. (2006). *When radio was king: looking back at radio's golden age*. Bloomington: Rafford Publishing.

Higgins, C. (2015). *This new noise: The extraordinary birth and troubled life of the BBC*. London: Guardian Faber Publishing.

Salamon, E. (2010). *Pittsburgh's Golden Age of Radio*. Chicago: Arcadia Publishing.

Universos televisivos e revoluções culturais.

Adler, R. (Ed.) (1981). *Understanding television: Essays on television as a social and cultural force*. New York: Praeger.

Noam, E. (1991). *Television in Europe*. Oxford: Oxford University Press.

Smith, A. (Ed.) (1998). *Television – An international history*. Oxford: Oxford University Press.

Transformação digital e saturação dos espaços partilhados: democratização e desdemocratização.

Ash, T. G. (2017). *Liberdade de expressão: Dez princípios para um mundo interligado*. Lisboa: Temas e Debates.

Hallin, C. D. & Mancini, P. (2010). *Sistemas de media: Estudo comparativo*. Lisboa: Livros Horizonte..

Zelizer, B. (Ed.) (2008). *Explorations in communication and history*. Abingdon: Routledge.

## NOTAS

1. A título de exemplo: Ciências da Comunicação, Jornalismo, Relações Públicas e Comunicação Empresarial, Ciências Política, Relações Internacionais, Sociologia, Estudos de Cultura e Comunicação.

2. *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória* (Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017). Segundo os seus autores, trata-se de um “documento de referência para a organização de todo o sistema educativo, contribuindo para a convergência e a articulação das decisões inerentes às várias dimensões do desenvolvimento curricular”.
  3. O processo de criação da unidade curricular segue as linhas orientadoras definidas pelos procedimentos da A3ES – Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (Cfr. Anexos).
  4. Onde se encaixa a expressão de Niklas Luhmann: “History is always the present past or the present future”.
  5. Citado por Marshall McLuhan (1964), *Understand Media: The Extensions of Man*. New York/London: McGraw-Hill Book Company.
  6. Em Portugal, datam dos princípios do século XVII, tendo como objetivo dar combate aos Filipes, o que levou os monarcas espanhóis a censurarem a sua circulação.
  7. Os discursos transmitidos pela rádio encontram disponíveis num audiolivro produzido pela própria BBC.
  8. *The Fireside Chats of Franklin Delano Roosevelt – Radio addresses to the American People broadcast 1993 and 1994* (Kittanning: Arc Manor, 2009).
  9. Alguns dos discursos de Charles De Gaulle podem ser ouvidos no arquivo público da RTP, por exemplo.
  10. Existem algumas obras importantes sobre a utilização da rádio como instrumento de propaganda nazi, mas escritas em língua alemã; por exemplo: Ansgar Diller (1980). *Rundfunkpolitik im Dritten Reich (Rundfunk in Deutschland)*. Munich: DTV Deutscher Taschenbuch.
  11. Que terá necessariamente de passar pela própria história da Internet e dos seus antepassados, na medida em que representam as primeiras tentativas bem conseguidas de acelerar o tempo e encurtar os espaços geográficos.
  12. No seu vibrante ensaio, Michico Kakutani usa o termo “silos ideológicos” para se referir ao isolamento intelectual alimentado pelos algoritmos das plataformas sociais para escolher e mostrar notícias baseadas naquilo que as pessoas gostariam de ler e ver.
  13. Timothy Garton Ash, por exemplo, chama a atenção para o facto de o YouTube ter desenvolvido uma “fila inteligente de sinalizações, dando prioridade aos pedidos de remoção segundo critérios como a natureza da reclamação, se o artigo já havia sido sinalizado anteriormente e qual o historial do sinalizador”. Alguns sinalizadores são considerados privilegiados e podem atingir taxas de remoção de 90% das suas solicitações apresentadas junto do YouTube.
- 

## RESUMOS

Este artigo propõe a criação de uma nova unidade curricular designada Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas, a ser considerada no âmbito de uma licenciatura. Focada no estudo dos *media* e tendo como quadro interpretativo o saber consolidado das teorias da comunicação, defende-se a mobilização da história para a construção dos recortes cronológicos em que vivem os objetos de estudo e a utilização do seu conhecimento e das suas metodologias na construção dos novos saberes. Este diálogo ativo proporcionará uma maior amplitude através da análise das características, dos lugares de produção e da receção mediática nos seus contextos e respetivos processos de interligação em diferentes recortes temporais. O artigo encontra-se

dividido entre a justificação teórica e os blocos temáticos: imprensa, cinema, rádio, televisão e comunicação digital. Identifica-se um arco cronológico entre a invenção da prensa, ou seja, o início de uma certa *democratização* do conhecimento pela difusão da informação, e o impacto dos atuais processos de comunicação digital nas democracias.

This article proposes the creation of a new course called Dinâmicas Comunicacionais Contemporâneas, to be considered in the context of a bachelor's degree. Focused on the study of the media and having as an interpretive framework the consolidated knowledge of communications theories, the mobilization of history is advocated for the construction of chronological sections where the objects of study and their methodologies of knowledge construction live. This active dialogue will provide greater breadth through the analysis of the characteristics, place of production and media reception in their context and the respective processes of interconnection in different time frames. This article is divided between the theoretical justification and the thematic block: press, cinema, radio, television and digital communication. A chronological arc is identified between the invention of the mechanical press, that is, the beginning of a certain democratization of knowledge through the dissemination of information, and the impact of current digital communication processes in democracies.

## ÍNDICE

**Keywords:** media, communications, history, democracy

**Palavras-chave:** media, comunicação, história, democracia

## AUTOR

**ADELINO CUNHA\***

Universidade Europeia/IHC NOVA FCSH

Avenida D. Carlos I, n.º 4

1200-649 Lisboa

adelino.cunha@universidadeeuropeia.pt